

**CRISE GLOBAL: Chefe do departamento de América Latina elogia atuação do Governo**

# Próximas semanas serão cruciais para o Brasil, segundo economista da UBS

Banco suíço está orientando os investidores a tirarem parte do dinheiro no país

---

**Deborah Berlinck**

*Correspondente*

• GENEbra. As duas ou três próximas semanas serão cruciais para o Brasil, diz Lawrence Krön, chefe dos economistas especializados em América Latina da União dos Bancos Suíços (UBS), o maior banco da Suíça e um dos maiores no mundo. Segundo ele, se o Brasil conseguir, nesse período, resistir ao choque financeiro provocado pela queda na Bolsa de Hong Kong e evitar a desvalorização da moeda, estará a salvo.

Krön diz que o Governo brasileiro tomou a decisão certa: elevar os juros para evitar a saída de capital do país, resistindo assim à pressão para desvalorizar a moeda. Mas ele admite que a percepção do banco e dos investidores em relação à capacidade do país de resistir ao choque, no momento, não é boa.

— As chances de o Brasil desvalorizar a moeda aumentaram. Se o Brasil resistir a isso, vai estar em boa forma — disse Lawrence Krön. — A inclinação dos investidores agora é tirar o dinheiro do

Brasil. Eles estão preocupados.

O próprio Krön está orientando os investidores do banco para não tirarem tudo, apenas uma parte. Ele diz que entre as três grandes economias da América Latina — Brasil, México e Argentina — o Brasil é a que apresenta mais risco no momento, por dois motivos: é o que está com a moeda mais sobrevalorizada (20%, segundo a UBS) e tem o maior déficit em conta corrente (saldo de balança comercial e serviços). Ou seja: é o que está mais dependente de capital externo e, por-

tanto, mais vulnerável ao choque.

O economista Andrew Corneford, da Unctad, a agência da ONU para comércio e desenvolvimento, diz que o futuro do Brasil e de outros países emergentes está nas mãos do mercado financeiro internacional. E lembra que isso também afeta os países ricos:

— Não está claro para nós, no momento, que o período de grandes movimentos no mercado financeiro acabou, nem como isso tudo vai afetar o ritmo de crescimento de países ricos. ■